

“Estamos adotando novos canais de comunicação com a sociedade”

EDUARDO FERREIRA LAFRAIA
PRESIDENTE DO INSTITUTO DE ENGENHARIA

Para o presidente Lafraia, o IE está pensando em se transformar num grande provedor de conteúdo para a engenharia, não com o objetivo de divulgar apenas a produção da Casa, mas sim de difundir as informações da engenharia independente, de quem for o dono da idéia.

Segundo ele, qualquer órgão especializado num determinado assunto poderá fazer uso do sistema do Instituto de Engenharia, no sentido de canalizar para ele o seu conteúdo e, a partir da entidade, ou seja, de São Paulo, poder divulgar esses resultados para todo o país. Lafraia defende que o IE deve assumir um papel de disseminador de idéias que devem ser propagadas maciçamente sob pena de ficarem restritas a uns poucos privilegiados



FOTO: RICARDO MARTINS

Exemplo de entidade centenária, o Instituto de Engenharia (IE) nem por isso permaneceu parado no tempo. Para o seu presidente, Eduardo Ferreira Lafraia, “o Brasil mudou, e o Instituto não pretende viver somente das glórias do passado, conquistadas no decorrer de seus 90 anos. Aquelas reuniões em que um pequeno grupo de engenheiros discutia quem iria ser o próximo secretário de Obras, ou quais as possibilidades do Proálcool ou da Cosipa pertencem a uma outra época”.

Esse fenômeno de tomada de consciência para a necessidade de um posicionamento mais abrangente, seguindo as tendências impostas pela modernidade, aconteceu também com entidades representativas de outras profissões. Atento a essa realidade o IE está procedendo à mudança dos seus canais de comunicação com a sociedade, de forma a alcançar maior agilidade e eficiência. No caso de eventos, por exemplo, apesar de ter um ótimo auditório – que sempre ficou lotado para as palestras e seminários –, a presença de público vem diminuindo. “Hoje em dia está mais complicado. Esse auditório é maravilhoso para quem mora ou trabalha nas imediações, mas o sócio que mora na Lapa, ou na Penha, pode levar mais de uma hora para chegar aqui, na melhor das hipóteses”.

Por isso a urgência em adotar um novo canal de comunicação, explica Lafraia. “Temos que gerar um efeito multiplicador das informações e de conceitos

aqui originados, de modo a que se atinja o maior número de engenheiros no menor tempo possível. Suponhamos uma transmissão ao vivo da palestra de um professor emérito que vá falar sobre determinado assunto. Poucos poderão vir aqui à nossa sede, em São Paulo, para assistir. Por isso estamos criando uma forma de que o engenheiro que estiver na Penha, em São José do Rio Preto ou no Estado do Acre possa assistir ao evento simultaneamente, interagindo e fazendo perguntas”.

O Instituto está reformando algumas salas e criando miniestúdios com equipamento e pessoal preparado para isso. O projeto está em andamento, devendo ser implantado por etapas. Em dois anos, o sistema deverá estar sendo auto-suficiente e auto-financeável, mas a mudança que exige certa rapidez, ou melhor, deve ter início imediato. “Estamos pensando em nos transformar num grande provedor de conteúdo para a engenharia, não com o objetivo de divulgar somente o que nascer na casa, e sim as informações da engenharia independente, de quem for o dono da idéia. Qualquer órgão especializado num assunto poderá fazer uso de nosso sistema, no sentido de trazer para cá o seu conteúdo. A partir de São Paulo ele vai divulgar esses resultados para todo o país”, afirma Lafraia. Para ele, o Instituto deve assumir seu papel de disseminador de idéias – que devem ser divulgadas maciçamente sob pena de ficarem restritas a uns poucos privilegiados.

Exemplificando, Lafraia cita um trabalho feito pelo Instituto Agrônomo de Campinas, na área da agricultura. “Eles fizeram uma grande pesquisa, coisa tipo linha de frente, e os resultados foram oferecidos ao mercado, que deles pôde fazer uso. Houve um grande desenvolvimento do setor agrícola e do agronegócio porque a pesquisa feita por eles foi transformada em dinheiro. Mas na maioria das vezes nós gastamos energia, investimos, trabalhamos,

“Queremos gerar um efeito multiplicador das informações e dos conceitos aqui originados, para atingir o maior número de engenheiros no menor tempo possível. Por isso estamos criando uma forma de permitir que o engenheiro que estiver na Penha, em São José do Rio Preto ou no Estado do Acre possa assistir aos nossos eventos, simultaneamente, e também interagindo e fazendo as suas perguntas”

para desenvolver um produto, com pouco aproveitamento. O Instituto tem que pulverizar o conhecimento, para atender o maior número de pessoas. Se um trabalho pode ser divulgado, por que ficar ‘guardando’ para alguns poucos os seus resultados, em vez de criar um efeito multiplicador?”

Para tanto, a meta que vem sendo perseguida é fazer com que o Instituto funcione como um fórum privilegiado devido à sua independência e isenção, e aí promover – aglutinando todas as entidades independentes – a discussão de temas de interesse da sociedade, disseminando isso para um número cada vez maior de pessoas, mediante transmissão on-line pela internet. Esse processo começou a ser montado com a vinda dessas entidades ao IE. “São numerosos debates sobre temas importantes e polêmicos para a sociedade. As entidades vieram aqui, discutiram, documentos foram formulados, propostas foram di-

vulgadas. O segundo momento consiste justamente na mudança na maneira de divulgar esses resultados.”

O sistema que está sendo implantado poderá surtir efeitos surpreendentes, influenciando no próprio quadro de sócios do IE. Está sendo estudada, inclusive, uma mudança nos estatutos, a ser aprovada nas diversas instâncias – Conselho Deliberativo, Conselho Consultivo e Assembleia –, estudos que ainda não estão consolidados, mas caso sejam bem recebidos poderão constituir a base para a criação de uma categoria de “sócio virtual”, aquele sócio que mora em Manaus, e que dificilmente virá um dia ao Instituto, mas que quer interagir com a instituição. Aquele sócio é importante pelo que ele vai agregar com o seu conhecimento às discussões de temas online que forem promovidas. Logicamente ele deverá pagar menos, já que não se utilizará das dependências da sede. Ele terá direitos diferentes, talvez não participe da eleição, por não ter interesse na vida do Instituto como entidade, mas sim terá acesso ao conhecimento, com interesse específico na discussão técnica e no conteúdo. “Este processo está acontecendo no mundo inteiro”, comenta Lafraia.

A REPERCUSSÃO

Lafraia afirma que a estratégia surtiu ótimos efeitos, não só por causa da transmissão ao vivo. “Esse conteúdo fica disponibilizado no site, para interatividade, durante um ano, do que foi discutido em cada seminário ou ciclo de debates. Porém, mais do que isso, ficam disponíveis palestras, conteúdo, apresentações, conclusões, não só impressas mas no próprio site. Os novos sócios, em busca de conteúdo e de excelência, terão a oportunidade de se informar e de trocar informações.”

Para ele, um evento com transmissão ao vivo e com interatividade e que fica por um determinado período no site (indo depois para o arquivo) permi-

te a quem não teve oportunidade de assistir ao vivo, tomar conhecimento, de acordo com suas possibilidades pessoais, de tudo que foi exposto. O Instituto também tem um valioso acervo do passado, cuja divulgação pretende ampliar. É o caso do projeto "Memória da Engenharia", implantado durante a gestão do então presidente José Roberto Bernasconi, nos anos 1980, com Lafraia na vice-presidência. Foram gravados numerosos depoimentos históricos de engenheiros famosos, alguns até já falecidos.

"Grande parte dos estados brasileiros têm um instituto de engenharia, ou associação dos engenheiros, ou algo equivalente, espalhados por aí, mas a verdade é que engenheiros do Brasil inteiro vão aos congressos para saber das novidades, principalmente do que acontece em São Paulo", diz Lafraia. "Interessante notar que o que ocorre aqui no Instituto, atualmente, quase sempre vai ser tema de um congresso apenas no ano que vem, com efeito de novidade. É mais um motivo para adotarmos esse sistema", justifica ele. "Existem outras ilhas de excelência espalhadas pelo Brasil, além do Instituto. Mas já que estamos na frente, esse sistema passa a ser ainda mais necessário, pois ao invés de ser discutida hoje para ir a algum congresso no ano que vem, a informação já sai on-line".

Lafraia cita o interessante exemplo, num evento abordando a infra-estrutura, realizado recentemente no IE, de uma questão que foi colocada por um diretor do Banco Mundial (Bird), em Washington. Ele já tinha participado pessoalmente de um evento anterior, sobre o Porto de Santos – ele é português, trabalhou no Brasil como diretor do Banco Mundial, e agora está em Washington. Impossibilitado de vir para a palestra sobre infra-estrutura, em São Paulo, o diretor do Bird acessou o seminário e participou a partir de sua própria mesa de trabalho, em Washington. "Se nosso auditório comporta 180 pessoas, essa fre-

Lafraia cita o caso, num recente evento do IE sobre infra-estrutura, de uma questão que foi colocada por um diretor do Banco Mundial (Bird), em Washington. Ele é português, trabalhou no Brasil como diretor do Banco Mundial e, sem ter podido vir a São Paulo para o debate sobre infra-estrutura, acessou o seminário e participou dele, via internet, a partir de sua própria mesa de trabalho, localizada em Washington

quência pode se multiplicada por 'n' vezes, inclusive internacionalmente. Mas se você faz um evento sem comunicação digital, você está restringindo as informações somente a quem pode vir aqui, inclusive quem mora em São Paulo", observa. "Além disso, muitas vezes a pessoa não dispõe do dia todo para assistir a um seminário. Ela pode então escolher, pela programação, o que mais lhe interessar, e assistir a uma determinada palestra do próprio local de trabalho, prosseguindo logo a seguir nas suas tarefas. Por isso inclusive estamos sendo mais rígidos nos horários do auditório."

Dessa forma, a situação financeira do IE, normalmente navegando em "equilíbrio estável", abre espaço para novas perspectivas, anuncia Lafraia. "Ocupamos uma imensa área, em local privilegiado. Nossa sede provisória – dentro desse conceito novo de co-

municação global – nos atende perfeitamente. Também temos uma grande área onde está o acampamento dos engenheiros, ao lado da Represa Billings, com 600 000 metros quadrados. Então, do ponto de vista patrimonial, o Instituto está muito bem."

Além disso, a entidade ainda tem recursos a receber do governo do Estado de São Paulo, pela desapropriação do antigo prédio próprio, o Palácio Mauá. "Continuamos reivindicando", informa Lafraia. E quando o Instituto receber o que lhe é devido, a implantação desse projeto ficará muito mais fácil. "Atualmente estamos com dificuldades, mas me pergunto: em termos de atuação, até que ponto esse patrimônio é importante para a nossa comunicação com a sociedade nesse momento? A resposta é que as dimensões de uma sede suntuosa já não são tão importantes. Esse patrimônio é muito valioso, como todo patrimônio. Mas talvez nas atuais circunstâncias uma sede nova não seja tão necessária como esta mesma sede provisória, que pode nos atender perfeitamente, dotada de estúdios montados e conteúdo bem distribuído e bem divulgado. É isso o que o Instituto necessita atualmente. Não queremos 200 ou 300 pessoas no auditório, queremos, isto sim, de 10 000 para mais na internet."

"Estamos comemorando os 90 anos, temos uma história a ser contada, que vale como alicerce para um novo patamar. Queremos dar prosseguimento a nossas atividades no horizonte dos próximos 90 anos. Até mesmo porque, se somos a profissão do desenvolvimento, e o Brasil não tem outra solução que esse desenvolvimento, estamos no caminho correto. Está havendo uma mudança, e nós estamos na linha de frente."

Lafraia citou também outras mudanças conceituais que caracterizam o IE hoje em dia, levando-se em conta que está cada vez maior a guerra de interesses no mundo político e econômico. "O Instituto não se envolve em qualquer

tipo de competição, sua missão é mais ampla, diferentemente de uma entidade técnica específica ou de uma entidade patronal. O Secovi, por exemplo, cuida do mercado imobiliário; o Sinduscon, da indústria da construção, o Sinaenco dos projetos; tem também o Sindicado dos Engenheiros a quem cabe a missão das questões trabalhistas. Mas a nossa função é elevar o nível do debate. Não entramos no detalhe, mas discutimos o Brasil, tudo o que é benéfico para o nosso desenvolvimento. E assim agregamos todas essas entidades, porque para a discussão macro, para o desenvolvimento, todos eles têm contribuições a dar. O conjunto fica muito melhor, mais rico."

Na visão de Lafraia, o Instituto encontrou o caminho para participar desse processo, ou seja, discutir temas mais amplos, transformar-se num centro de reunião desse conjunto, sem interesses individuais, cada um oferecendo sua contribuição para que se discutam os processos num nível mais amplo. "Para fazer isso não poderemos abandonar mais a ferramenta da comunicação virtual – a chave do nosso negócio – e preservar a nossa independência e neutralidade", explica Lafraia, ressaltando, no entanto, que essa postura não significa omissão, "mas sim neutralidade no sentido de discutir um tema em prol de todos, sem a tendência ao lobby – que em certas situações é até válido, mas que não constitui nossa característica".

Assim, na medida em que começa a ser visto como uma entidade isenta, o IE passa a agregar todos os segmentos, a ponto de atualmente acontecer de entidades solicitarem espaço com a finalidade de discutir temas ligados a elas próprias, porque assim esses temas serão tratados de forma imparcial. "Quando esses temas são levantados naquelas entidades já levam um carimbo com coloração própria. A mesma coisa já aconteceu na área governamental, que nos

O IE procura reafirmar seu papel de fonte a ser sempre procurada pela mídia. Para comemorar os 90 anos está desenvolvendo um livro sobre a história de São Paulo nesse período, com destaque para o desenvolvimento da engenharia, e, dentro da engenharia, da participação da entidade. No livro são contadas histórias com muitos depoimentos de gente que delas participou e uma grande pesquisa por várias fontes

solicitou o patrocínio de determinados assuntos importantes, porque se fossem lançados como iniciativa oficial poderiam adquirir, eventualmente, caráter partidário."

Segundo o presidente do IE, a entidade também procura reafirmar seu papel como uma fonte a ser sempre procurada pela mídia. Para comemorar os 90 anos está desenvolvendo um livro sobre a história de São Paulo nesse período, com destaque para o desenvolvimento da engenharia, e, dentro da engenharia, da participação do Instituto. "É um livro de padrão técnico, no qual são contadas histórias com muitos depoimentos de gente que delas participou. Uma pesquisa séria, profissional – feita junto a arquivos da Eletropaulo, Petrobras, Escola Politécnica, Mackenzie e outras fontes, envolvendo São Paulo e Rio de Janeiro."

Laboratórios de Excelência para Construção Civil, Controle Ambiental e Metrologia ao seu inteiro dispor



Associação Brasileira de Cimento Portland

70 ANOS
a serviço da construção civil
1936 - 2006

Informações:
0800-0555776 • dcc@abcp.org.br
www.abcp.org.br